

O Toucador de Garrett

«O Toucador» – Periódico sem Política?

Irene Fialho

FALA-SE EM *O Toucador* E POUCOS, TALVEZ APENAS os estudiosos do Romantismo português, conhecem o pequeno volume que encerra a colecção do «periódico» redigido por Garrett – em colaboração com Luiz Francisco Midosi – quando contava apenas 23 anos, e que é geralmente classificado como incipiente, inexperiente.

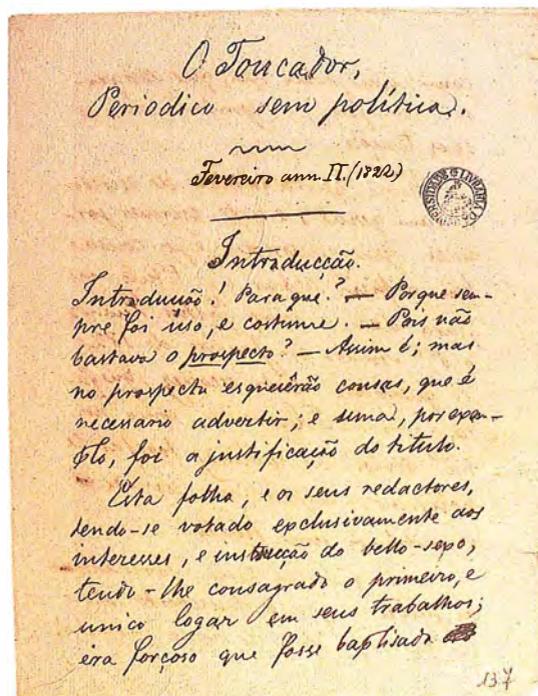
Frequentemente esquecido nas edições de «Obras Completas» de Almeida Garrett¹, afastado dos programas de ensino, *O Toucador* pode apenas ser encontrado nas secções de reservados das grandes bibliotecas, ou consultado numa edição «fac-similada» que veio a público em 1957 e que foi reeditada há alguns anos².

Obra de *Instrução*», dirigida e «dedicada às senhoras portuguesas», pretendia instruir e divertir sobretudo D. Luísa Midosi, com quem Garrett viria a casar seis meses após a publicação do último número da sua folha, o sétimo.

Na Introdução, Garrett diz como encontrou o título do seu jornal: teria sido uma senhora sua conhecida a dar-lhe a ideia para redigir uma folha de Novidades «interessantes», precisamente quando estava sentada ao toucador, fazendo a sua *toilette*. Explicação fantasiosa ou facto concreto, é talvez forçado dizer, como já alguém disse, que essa senhora seria a própria Luísa Midosi, pois não parece verosímil, na Lisboa do ano 1822, que uma menina solteira, de catorze anos, recebesse o noivo no seu quarto ou *boudoir*, «ainda em meio deshabillé».

No entanto, não é esta a primeira *blague* com que o redactor nos brinda. Na capa, igual em todos os números, *O Toucador* leva o subtítulo «Periódico sem Política». Ora, se há campo no qual *O Toucador* instrui, esse campo é o da política. Disfarçadas nos temas base, que o Prospecto anuncia, e que se vão desenvolvendo ao longo da publicação, e distribuídas pelos sete números, e não em conjuntos englobantes como a citada edição «fac-similada» dá a entender –

O *Toucador*, *Periódico sem Política*.
Manuscrito autógrafa da «Introdução», Fevereiro,
1822. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
Fotografia de Isabel Rochinha.

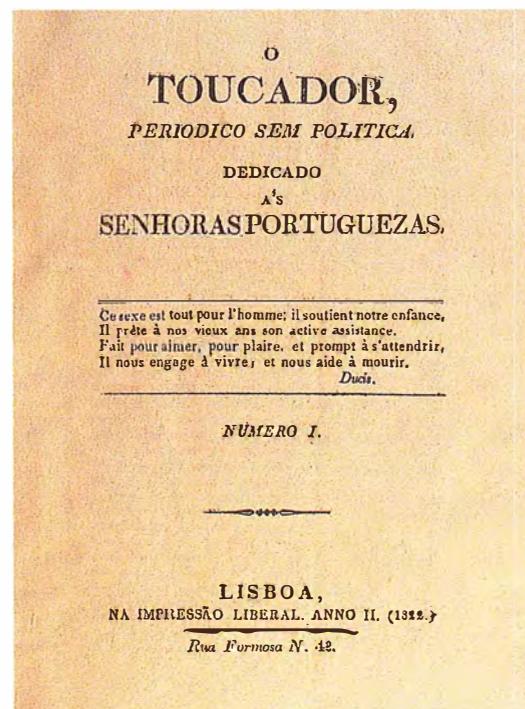


salvo os pré-anunciados «Visitas» e «Banhos» –, encontramos múltiplas referências a factos e a viragens da situação política ocorridos nos escassos dois meses em que a folha foi publicada.

A própria datação dos fascículos, mencionando 1822 como *Anno II* – isto é, à maneira francesa de trinta e três anos antes, segundo ano da Revolução Liberal de 1820, segundo ano em que, após a reunião das Cortes de 1821, se preparava a Carta Constitucional – e o local de impressão, «Impressão Liberal», oferecem uma muito nítida, nada disfarçada ideia do engajamento do periódico – e do seu Redactor – à vida política do momento e à causa do liberalismo.

Assim, na rubrica «Modas», onde o objectivo primeiro é fazer uma história do desenvolvimento do traje, vemos, logo no primeiro número, os franceses serem considerados como os mais «distintos» fazedores da moda, rivali-

zando com espanhóis, italianos e ingleses e vencendo-os. Em Portugal estes últimos lograram vencer, mas a «mania» passou e «*tornou [...] a reconhecer-se a casa reinante* du Palais Royal» – velada, mas transparente, referência à saída das tropas inglesas e ao retorno a Portugal de D. João VI, que acontecera havia poucos meses. Já no número seguinte se explica como, com a política, mudam as modas, usando-se mais esta ou aquela cor de acordo com o desenrolar dos acontecimentos. Garrett chega a aconselhar às senhoras que não usem o vermelho – retirado das cores nacionais – e que passem, por patriotismo, a enfeitar-se apenas de azul e branco, cores da Monarquia Liberal. Não se compreenderia, de resto, a inserção de Notas no final de cada rubrica dedicada às Modas, descrevendo as «Últimas» de Paris e o «Uso de Lisboa», pois os trajos não mudariam substancialmente de semana para semana, periodicidade com que a



O *Toucador*, *Periódico sem Política*.
Dedicado às *Senhoras Portuguezas*.
Folha de rosto do número I. Lisboa,
Impressão Liberal, Anno II (1822).
Fotografia de Isabel Rochinha.

folha foi publicada. Não é pois de estranhar, ao longo de sete semanas, que essas notas fiquem desertas, com lacónicos «Nada de novo» ou «Continua o mesmo com pouca diferença», quase discretas informações sobre o normal andamento da vida pública face às extravazantes notas quando se verifica alguma mudança no quadro político nacional ou internacional: referências a «apanhados» que deixam de se usar, como os refolhos gregos (independência da Grécia), uso de fitas tricolores em algumas províncias francesas, enquanto em Paris, nas Tulherias, se usa a cor nacional, o branco (reinado de Luis XVIII) e, sobretudo, referências aos usos e costumes das senhoras ultramarinas – ou regressadas do Ultramar – que usariam capas à romeira e «*enfeites de plumas à Tupinamba*», que pressagiam a Independência do Brasil, bastante próxima.

Embora o periódico não tenha ilustrações³, a descrição dos trajos usados corresponde à moda feminina da época, e as fitas com as cores constitucionais e os turbantes emplumados fizeram, efectivamente, parte da *toilette* feminina daqueles anos.

Também na rubrica «Namoro» há muitas alusões à política internacional e tornar-se-ia fastidioso enumerar todos os exemplos, mais ou menos sarcásticos, que troçam do «namoro» que umas nações fazem a outras, dos «amantes» que se perdem ou se deixam, não sendo, no entanto, de mais anotar a engraçada estância em que o poeta diz que o seu primeiro namoro há-de ser «à *Tapuia ou Tupinamba*»⁴ – nova alusão ao desejo de independência do Brasil. O mesmo acontece em «Bailes», onde a dança mais em voga é a «política e administrativa», a par de uma breve história da dança que não instrui nem educa grandemente o público feminino a quem o autor se dirige.

Em «Jogo» é de cartas que se trata, jogo inventado por velhos por já não lhes serem

permitidos outros prazeres, mas as novas cartas são muito diversas das antigas, as portuguesas são Cartas Constitucionais que «procuram a Constituição» e que se baseiam em princípios: Abundância, Constituição, Justiça e Fortaleza.

Mas em «Teatro» é o Garrett artista quem «educa», como o amador das tragédias clássicas, o grande inovador da comédia e do drama representados nos salões nacionais. A par da história «universal» relacionada com o tema e, de resto, bastante desenvolvida, escreve com paixão acerca do teatro de Gil Vicente, que como se sabe muito admira, e consegue transmitir ao leitor a grande devoção que tem pela arte, não deixando por isso de entrar no campo que, de momento, parece obcecá-lo: a política, sob a forma de uma sátira dirigida aos ingleses, através da pessoa de um «malcriado» Shakespeare, que não recomenda às senhoras portuguesas devido à temática que desenvolve – e que não estaria de acordo nem com os nossos costumes nem com práticas de heroísmo necessárias para servirem de exemplo em Portugal – nem pela linguagem que utiliza, imprópria para os ouvidos das donzelas lusitanas de 1822.

Estes exemplos quase nos fazem rir, depois de lermos as palavras desabridas com que no primeiro número, na rubrica «Modas», Garrett classifica as senhoras inglesas e, ainda na mesma rubrica, mas já no sétimo e último número, descreve um sonho que diz ter tido e no qual se encontrava rodeado de damas, completamente «assalharopado», e quando acordou ficou «a chuchar no dedo», por se encontrar só: «Safa com os tais sonhos!». Aliás, todo o volume se encontra cheio com os itálicos dos subentendidos, com os itálicos das pequenas vaidades do escritor e com os pontos das extraordinárias exclamações que fazem lembrar personagens de romances de sessenta anos mais tarde: é a mesma linguagem usada pelos «dândis» Dâma-

«Desterrada por um decreto dentre as cores nacionais, a vermelha, ocupou o azul e branco o sólio da moda, porque havia obtido a superioridade política. Chapéus e toucados, lenços e vestidos, tudo se adorna da cor nacional; e as damas portuguesas (que a nenhuma cedem em patriotismo) aumentaram com seu exemplo o entusiasmo nacional.»

(Almeida Garrett, *O Toucador*).
Gravura do *Journal des Dames et des Modes*, 1829.
Museu Nacional do Traje, Lisboa.
Fotografia de Laura Castro Caldas e Paulo Cintra.

1829.

Costumes Parisiens.

(2783)



Béret de crêpe orné de plumes et de rubans de satin. Robe d'organdi ornée de broderies: la pélorène bordée de tulle.

sos de Eça de Queiroz, mas que se perdoa ao jovem João Baptista exactamente pela sua juventude.

A rubrica «Variedades» é composta apenas por poesia, embora devesse incluir todos aqueles assuntos que, pela sua natureza, não tivessem cabimento nas outras rubricas. Os poemas nela inscritos foram mais tarde refundidos e fazem parte de antologias poéticas garrettianas; são facilmente reconhecidos e estão ainda muito presos ao gosto clássico, que era o da formação de um autor que ainda não se libertara da sua educação arcádica. Além disso, trata-se de traduções e imitações de autores franceses e italianos, e que, quando mais tarde foram publicadas, sofreram alterações no título ou no tamanho, de acordo com a evolução do autor, que ditou a evolução das suas obras.

Obra esquecida, mais inexperiente do que incipiente, *O Toucador* vela, ou talvez já revele, a vaga e subtil ironia que o autor pôs em *Viagens na Minha Terra* – esta, sim, obra consagrada, estudada, constantemente lembrada, a obra da maturidade – afinal, retrato dos anos que se seguiram à escrita do «Periódico sem política», que quase funciona como caderno de apontamentos para escritos posteriores, pois Garrett, como diz Ofélia Paiva Monteiro, «cresceu» com o seu século, numa harmonia histórica e cronológica que não se encontra em muitos escritores.

¹ Esta lacuna será naturalmente colmatada pela Edição Crítica agora em curso.

² *O Toucador: periódico sem política dedicado às senhoras portuguesas*, 2.ª ed., prefácio de Fernando de Castro Pires de Lima, Lisboa, Portugal Editora, 1957. *Idem*, Lisboa, Vega, 1993.

³ A edição «fac-similada» tem numerosas figuras, umas servindo de pórtico e de fecho aos temas, da autoria de Laura Costa, outras retiradas de revistas muito posteriores – por exemplo, *A Moda Ilustrada* de 1893, setenta anos mais tarde, que não são representativas do traje de 1822.

⁴ Em Janeiro de 1821 Garrett tinha escrito *O Brasil Libertado*, que mais tarde foi incluído na *Lírica de João Mínimo*, em que declara a sua simpatia pela causa independentista.